



INTERCÂMBIO

A mulher e a bhakti yoga no movimento Hare Krishna: desafios, aspectos pedagógicos e o ato de cuidar

Woman and Bhakti Yoga in the Hare Krishna movement: challenges, pedagogical aspects and the act of caring

Otávio Augusto Chaves Rubino dos Santos*
Allene Carvalho Lage**

Resumo: O presente artigo tece considerações sobre a mulher no movimento Hare Krishna, assim como sobre a questão do “cuidar” presente na prática do bhakti yoga. Estamos investigando um movimento específico (Hare Krishna), surgido em 1965 no ocidente, em Nova York-EUA. O intuito deste texto é o de refletir sobre a questão do “cuidar” dentro da tradição Gaudya Vaishnava assim como sobre a posição e os saberes tecidos pelas mulheres ao longo dos anos dentro desta tradição e a partir da criação da ISKCON. Então, objetivamos refletir sobre as possibilidades dessa questão do cuidar e dos saberes das mulheres contribuir para os processos de luta contra uma visão misógina e patriarcal que existe na sociedade em geral. Como considerações finais destacamos que a ISKCON é uma instituição recente, tendo completado 54 anos neste ano de 2020. Apesar de ser nova, comparada a outras instituições religiosas que são, inclusive, milenares, a ISKCON vem demonstrando maturidade e desenvolvimento humano. Os pedidos de desculpas para as mulheres e o reconhecimento de seus saberes e direitos também demonstram que a instituição avança no combate ao machismo e às opressões advindas dele.

Palavras-chave: Movimento Hare Krishna. Mulheres vaishnavis. Bhakti yoga. Cuidar.

Abstract: This article discusses women in the Hare Krishna movement, as well as the “caring” issue present in the practice of bhakti yoga. We are investigating a specific movement (Hare Krishna), which appeared in 1965 in the west, in New York-USA. The purpose of this text is to reflect on the issue of “caring” within the Gaudya Vaishnava tradition as well as on the position and the knowledge woven by women over the years within this tradition and since the creation of ISKCON. So, we aim to reflect on the possibilities of this issue of caring and women’s knowledge to contribute to the processes of struggle against a misogynistic and patriarchal view that exists in society in general. As final considerations, we highlight that ISKCON is a recent institution, having completed 54 years in this year 2020. Despite being new, compared to other religious institutions that are even millennial, ISKCON has been showing maturity and human development. Apologies to women and recognition of their knowledge and rights also demonstrate that the institution is making progress in combating machismo and the oppressions arising from it.

Keywords: Hare Krishna movement. Vaishnavis women. Bhakti Yoga. Caring.

* Doutorando em Educação (UFPB, João Pessoa-PB). ORCID: 0000-0002-0362-5976 - contato: premasindhudvs@hotmail.com

** Professora Associada da UFPE (Recife-PE). Doutora em Sociologia pela UCombira (Portugal). ORCID: 0000-0002-9936-3033 - contato: allene Lage@yahoo.com.br

Introdução

O presente artigo tece reflexões sobre a mulher no movimento Hare Krishna, assim como sobre a questão do “cuidar” presente na prática do *bhakti yoga*¹, que é o tipo de yoga praticado pelos(as) integrantes do movimento Hare Krishna. Como explicaremos na parte teórica desse artigo, o “cuidar” é um conceito e uma prática importante dentro da cultura do *yoga*, em geral, e do *bhakti yoga*, em particular. Esse ato de cuidar, tanto de si mesmo, quanto do outro, está presente nos textos clássicos que fundamentam o *bhakti yoga*, tais como o Srimad Bhagavatam e a Bhagavad-gītā, assim como em textos escritos por integrantes do movimento Hare Krishna. Institucionalmente falando, essa questão do cuidar está presente no movimento Hare Krishna através da expressão “cuidado aos devotos”.

O movimento Hare Krishna faz parte de uma linha filosófica e cultural de *yoga*. Existem diferentes abordagens e grupos Hare Krishnas; assim, iremos focar no movimento Hare Krishna conhecido como uma organização denominada “Sociedade Internacional para a Consciência de Krishna” (ISKCON), que foi fundada em 13 de julho 1966 por Prabhupāda. O movimento Hare Krishna é o nome popular no qual os(as) integrantes são conhecidos no Brasil e no mundo, e Prabhupāda foi um mestre de *yoga* dentro da tradição Gaudya Vaishnava² e foi o responsável por trazer esses saberes milenares do oriente para o ocidente. Essa tradição tem como essência a prática do *bhakti yoga*³. Prabhupāda nasceu em 1896, na cidade de Calcutá – Índia e, em 1965, aos 69 anos de idade, chegou aos EUA com o objetivo de compartilhar os ensinamentos do *bhakti yoga* para os(as) ocidentais.

Neste artigo, então, estamos investigando um movimento específico (Hare Krishna), surgido em 1965 no ocidente, em Nova York – EUA, com influências hinduístas que, quando transplantadas da Índia para comunidades laicas e seculares, esse movimento foi se constituindo em comunidades rurais, assim como em templos e centros culturais urbanos⁴.

Na perspectiva de Guerriero, a história da ISKCON nasce com um mestre hindu, Bhaktivedanta Swami Prabhupāda, que, instruído por seu antigo mestre espiritual, deixa a Índia em 1965 e vai se fixar nos EUA. Encontra entre os jovens do movimento de contracultura o meio necessário para a propagação de suas ideias e a formação do movimento Hare Krishna no Ocidente (Guerriero, 2000).

Desde seus primórdios, a expansão do movimento Hare Krishna pelo mundo ocidental se fez sem um plano estratégico e uma política centralizada. Assim como em muitos outros países, a ISKCON chegou ao Brasil através da ação de jovens isolados

1 Existem diferentes ramos e linhas filosóficas de *yoga*, sendo *bhakti* uma delas. As palavras *bhakti* e *yoga* vêm do idioma sânscrito: *bhakti* (amor e devoção); *yoga* (união, conexão). A *bhakti yoga* é um modo de se viver e tem como fundamento a questão de servir o outro. Para mais informações sobre essa prática, consultar: Prabhupāda (2006).

2 O Gaudya Vaishnavismo é uma das principais tradições dentro da cultura e religiosidade da Índia.

3 Para mais informações sobre o Gaudya Vaishnavismo, a ISKCON e o movimento Hare Krishna, indicamos a leitura de Adami (2005) e Carvalho (2019).

4 Para esse aspecto específico, sugerimos Adami (2013).

seguindo a pregação do mestre indiano Prabhupāda. Esses jovens, atraídos pelo movimento da contracultura – que estava em seu auge nas décadas de 1960 e 1970 – também se atraíram pelas ideias de Prabhupāda e seu movimento que difundia o canto de mantras sagrados. O próprio Prabhupāda enfatizava que seus discípulos(as) deveriam continuar a sua obra abrindo novos templos onde houvesse pessoas interessadas. “Esta prática marcou profundamente a estrutura da ISKCON no mundo todo e no Brasil em particular” (Guerriero, 2000, p. 242, tradução nossa).

Os(as) integrantes do movimento Hare Krishna são praticantes de *yoga*. Existem diferentes ramos e práticas de *yoga*, como exemplos: *hatha yoga*⁵, prática relacionada a técnicas de respirações, posturas corporais, etc.; *karma yoga*⁶, prática relacionada à ação, e suas complexidades (*karma* – ação); *asthanga yoga*, prática que foi descrita por Patanjali e contempla posturas físicas, respirações, meditações e, por fim, o transe completo, também conhecido como *samadhi*⁷, (*asthanga* – 8 membros); *bhakti yoga*, prática relacionada ao servir, a devoção e ao amor (*bhakti* – devoção); dentre outras. No movimento Hare Krishna, a prática mais vivenciada é o *bhakti yoga*.

Dito isto, destacamos que nosso objeto de pesquisa refere-se à mulher e ao *bhakti yoga* no movimento Hare Krishna. Em face do exposto, ressaltamos que o intuito deste texto é o de refletir sobre a questão do “cuidar” dentro da tradição Gaudya Vaishnava assim como sobre a posição e os saberes tecidos pelas mulheres ao longo dos anos dentro desta tradição e a partir da criação da ISKCON. Então, objetivamos refletir sobre as possibilidades dessa questão do cuidar e dos saberes das mulheres contribuírem para os processos de luta contra uma visão misógina e patriarcal que existe na sociedade em geral.

Nossa hipótese é que as mulheres do movimento Hare Krishna tecem saberes singulares já que há um atravessamento de gênero dentro das relações presentes na tradição Vaishnava, em geral, e na ISKCON, em particular. Esses saberes singulares dessas mulheres podem contribuir para a luta que existe contra a misoginia e o patriarcado. Por serem saberes que são tecidos por meio de uma luta por igualdade de gênero dentro da instituição, esses saberes emancipam e também contribuem nas lutas e resistências contra as opressões geradas pelo machismo. As fontes desse artigo se referem à produção acadêmica (artigos, dissertações, teses, e livros); assim como documentos da ISKCON e textos escritos por integrantes do movimento Hare Krishna.

A palavra *yoga* significa união e contempla um modo e uma filosofia de viver. Atualmente, *yoga* está na moda e há significativa procura por essa prática. Ressaltamos que *yoga* está além da realização de exercícios físicos, contemplando, de fato, uma cultura. Salientamos isso nos fundamentando em Geertz (1978) sobre a religião como um sistema cultural.

Segundo Geertz os símbolos sagrados funcionam para sintetizar o *ethos* de um povo assim como o tom, o caráter e a qualidade da sua vida, seu estilo e disposições morais e estéticos. Esses símbolos também sintetizam a visão de mundo de um povo, o quadro

5 Para mais informações sobre a *hatha yoga*, sugerimos: Hermogenes (1980) e Hermogenes (1983).

6 Para uma pesquisa sobre *karma yoga*, indicamos: Lara (2016).

7 Para mais informações sobre esse tema, assim como perspectivas sobre possíveis formas assertivas para a experiência espiritual/religiosa chamada de *samadhi*, ver: Gulmini (2002).

que fazem do que são as coisas na sua simples atualidade e suas ideias mais abrangentes sobre ordem. Assim o autor assevera:

Na crença e na prática religiosa, o *ethos* de um grupo torna-se intelectualmente razoável porque demonstra representar um tipo de vida idealmente adaptado ao estado de coisas atual que a visão de mundo descreve, enquanto essa visão de mundo torna-se emocionalmente convincente por ser apresentada como uma imagem de um estado de coisas verdadeiro, especialmente bem-arrumado para acomodar tal tipo de vida. Essa confrontação e essa confirmação mútuas têm dois efeitos fundamentais. De um lado, objetivam preferências morais e estéticas, retratando-as como condições de vida impostas, implícitas num mundo com uma estrutura particular, como simples senso comum dada a forma inalterável da realidade. De outro lado, apoiam essas crenças recebidas sobre o corpo do mundo invocando sentimentos morais e estéticos sentidos profundamente como provas experimentais da sua verdade. Os símbolos religiosos formulam uma congruência básica entre um estilo de vida particular e uma metafísica específica (implícita, no mais das vezes) e, ao fazê-lo, sustentam cada uma delas com a autoridade emprestada do outro (Geertz, 1978, p. 66).

Desenvolvimento reflexivo

Aspectos educativos na prática da bhakti yoga

A milenar literatura védica, que é todo o conjunto de escrituras consideradas sagradas na Índia antiga, engloba os Vedas, Upanishads, Puranas, Itihasas, épicos como o Ramayana e o Mahabharata – o qual se insere a Bhagavad-gītā, dentre outros livros (Valera, 2012).

A Bhagavad-gītā representa o marco da espiritualidade indiana ecumênica, assim como uma vasta tentativa de síntese (Eliade, 1996).

A literatura basilar do Movimento Hare Krishna é a Bhagavad-gītā. Essa escritura traz, em seus versos, reflexões que podem apontar soluções para problemáticas contemporâneas como a exploração da natureza e opressão ao outro; também abaliza práticas comunitárias de alimentação e partilha do alimento, visão ecológica de mundo, equanimidade no trato com os seres humanos e outras espécies, trazendo em suas passagens uma postura dialógica como *ethos* entre as pessoas. Neste sentido, Prabhupāda afirma que a Bhagavad-gītā é a essência do conhecimento védico (Prabhupāda, 2006).

Na perspectiva de Zimmer, a Bhagavad-gītā tornou-se a “expressão mais autorizada, popular e memorizada dos princípios básicos que norteiam a vida religiosa indiana” (Zimmer, 1986, p. 266).

Na Bhagavad-gītā, há uma abordagem educativa que se manifesta pela oralidade por meio da relação entre mestre e discípulo. A Bhagavad-gītā é um diálogo entre Krishna, considerado o mestre e a própria divindade e seu discípulo chamado Arjuna, um guerreiro, e o diálogo acontece no meio de um campo de batalha, no qual uma grande guerra está prestes a se iniciar. Assim, o discípulo Arjuna encontra-se confuso quanto a seu dever e responsabilidade. No início do diálogo, ele foi tomado por uma perplexidade existencial que o remeteu a reflexões sobre sua existência, o propósito da vida, o autoconhecimento, etc. Neste momento, Krishna começa a transmitir seus saberes com o intuito de ajudar seu discípulo a alcançar uma compreensão de si. Krishna

ensina a Arjuna sobre os diferentes tipos de *yoga* e ressalta que o *bhakti yoga* é a essência dessa sabedoria.

A conversa entre Krishna e Arjuna acontece de modo dialogal e empático, já que Krishna não impõe seus saberes; pelo contrário, ele estimula Arjuna a refletir sobre si e a deliberar livremente. Isso nos remete ao pensamento de Freire (2002), pois a escuta tornou-se abertura ao outro, uma experiência de liberdade. Também podemos pensar no diálogo enquanto um ato de amor, como Freire saliente que a palavra é um ato de transformar o mundo:

Não há diálogo, porém, se não há um profundo amor ao mundo e aos homens. Não é possível a pronúncia do mundo, que é um ato de criação e recriação, se não há amor que a funda. Sendo fundamento do diálogo, o amor é, também, diálogo. Daí que seja essencialmente tarefa de sujeitos e que não possa verificar-se na relação de dominação. Nesta, o que há é patologia; amor, não, porque é um ato de coragem, nunca de medo, o amor é compromisso com os homens. Onde quer que estejam estes, oprimidos, o ato de amor está em comprometer-se com sua causa, a causa de sua libertação. Mas este compromisso, porque é amoroso, é dialógico (Freire, 2005, p. 44).

O *bhakti yoga* ensinado por Krishna a Arjuna traz uma compreensão do “eu”. Essa questão de compreender a si mesmo pode ser verificada na Bhagavad-gītā, no primeiro verso do nono capítulo, no qual Krishna salienta que o saber sobre o *bhakti yoga* é um conhecimento sublime, pois concebe uma percepção direta do eu e, por isso, esse conhecimento é o “rei da educação” (Prabhupāda, 2006, p. 431).

No diálogo entre Krishna e Arjuna há uma transmissão de saberes e Krishna estimula Arjuna a entender quem ele é realizando uma viagem interior para o seu “ser” a fim de compreender a existência da espiritualidade e da alma.

Segundo Prabhupāda, geralmente, não se educa as pessoas neste conhecimento, já que a maioria das pessoas é educada em um conhecimento externo. O autor também afirma que, para se receber esse conhecimento, é importante estar cultivando aspectos de bondade e compaixão, pois, assim, a pessoa estará “preparada para receber o conhecimento do eu” (Prabhupāda, 2006, p. 35).

Apesar de aparecerem termos como “conhecimento do eu”, “autorrealização” a prática do *bhakti yoga* não é voltada para o individualismo. Pelo contrário, ao longo de toda a Bhagavad-gītā, Krishna explica a Arjuna que todo esse conhecimento é para desenvolver nas pessoas o desejo de servir e cuidar do outro. É um olhar para si acompanhado com um olhar para o outro.

Isso pode ser observado em um conceito denominado “*sankirtan*”, que é o fundamento do *bhakti yoga* ensinado por Krishna a Arjuna. O saber do *bhakti yoga* foi compartilhado há aproximadamente cinco mil anos atrás. Esse saber ganha ainda mais popularização na Índia há quinhentos anos com Caitanya Mahaprabhu, que inaugurou o movimento de “*sankirtan*” no país. O movimento inaugurado por Caitanya demonstra essa questão do servir, já que se transformou em um movimento popular na Índia, no qual o objetivo foi o ato da partilha, do cantar e dançar de maneira comunitária.

O movimento de Caitanya pode ser definido como “comunidade de canto” ou “*sankirtana*”. Caitanya inaugurou um movimento de cantos de mantras nas ruas da Bengala, que se tornou algo mais que uma efervescência temporária de algumas pessoas entusiastas,

“logo, transformou-se numa procissão de centenas de pessoas, *nama sankirtana*. Algo similar a um movimento de massa popular. O sentido de comunidade que contemplava um significado amplo para todos se reunirem, embalados pela sonoridade e a dança em locais públicos sob a forma de devoção” (Adami, 2012, p. 88).

Outra questão que demonstra que os aspectos educativos do *bhakti yoga* se voltam para o outro se refere ao desenvolvimento de uma visão equânime, como podemos observar no verso dezoito do quinto capítulo da Bhagavad-gītā, no qual Krishna diz que: “O sábio humilde, em virtude do conhecimento verdadeiro, vê com visão de igualdade”. (Prabhupāda, 2006, p. 231).

Essa visão de igualdade não representa uma homogeneização da realidade e das pessoas, negando suas diferenças; mas uma perspectiva de quebra de desigualdades e privilégios, sejam de castas ou de visões preconceituosas.

Esse ensinamento de equanimidade presente na Bhagavad-gītā foi utilizado por Caitanya em seu movimento de *sankirtan*. Para Adami, “Chaitanya promoveu a integração entre pessoas de diversas religiões” (Adami, 2012, p.89).

O “cuidar”

Aprofundando nos saberes do *bhakti yoga*, destacamos que essa prática é o fundamento da tradição filosófica chamada Vaishnavismo Gaudya. Segundo a filosofia Vaishnava, a experiência da espiritualidade conduz a pessoa a uma autorrealização, que decorre de um esforço voltado para a autodisciplina, o auto-aperfeiçoamento e para o serviço que promova o bem-estar dos seres vivos.

O Vaishnavismo manifestou-se em sua essência por meio dos ensinamentos de Caitanya, o qual fundou o Vaishnavismo Gaudya. Nesta tradição, o aspecto mais belo das atividades de Caitanya é a interação amorosa entre ele e seus companheiros (Radhanata, 2004).

Essa perspectiva de Caitanya, voltada para o servir, deu a base para o Gaudya Vaishnavismo, o qual é a linha filosófica do movimento Hare Krishna. Isso pode ser observado nas palavras de Radhanata: “As pessoas são nutridas por amor. Nós temos que ensinar os devotos como amar e servir uns aos outros com pureza espiritual”. Na visão de Radhanata, que é um integrante do movimento Hare Krishna com uma função de liderança na ISKCON a nível mundial, o cuidado significa atenção pessoal em servir cada pessoa e que “esta é uma das maiores necessidades da nossa sociedade” (Radhanata, 2004, p. 32).

Outro aspecto, dentro desses saberes, se refere à expressão que é usada na ISKCON: “cuidado aos devotos”. Esse tema, voltado ao cuidado dos membros é uma perspectiva mundial muito difundida atualmente na instituição. Essa questão do “cuidar”, que é a ética e a base da filosofia Vaishnava, ganha muita intensidade na ISKCON a partir dos anos 2000 com a temática do “cuidado aos devotos” em pauta na instituição. Atualmente, há diversos departamentos sobre esse tema em toda a ISKCON pelo mundo. O termo original vem do inglês “*devotee care*”. Institucionalmente falando, este tema foi apresentado no Brasil no ano de 2012, com a criação de uma secretaria interna da ISKCON no país para tratar do assunto: “secretaria de cuidado aos devotos”.

Sacinandana, outro líder atual do movimento Hare Krishna salienta que, em 2006, atentou-se para a necessidade urgente de aumentar a consciência nas comunidades do movimento Hare Krishna acerca da importância de haver esse cuidado uns dos outros. Para tentar contribuir com essa necessidade de cuidado das pessoas nas comunidades, Sacinandana decidiu partir em uma peregrinação rumo ao Monte Kailash, na Índia: “Eu precisava superar o meu próprio ego e, uma vez que o senhor Shiva é o responsável por ele, decidi visitar sua residência neste mundo e orar a ele para que me ajudasse a escalar a extensão do meu falso ego” (Swami, 2015, p. 4).

Após essa peregrinação, Sacinandana diz que recebeu em seu coração as instruções que necessitava e escreveu sobre uma abordagem chamada “a árvore da vida” com foco de estimular as pessoas cuidarem de si e umas das outras (Sacinandana, 2015, p. 4).

Ele continua relatando que, em 2007, teve grave problema de saúde com o diagnóstico de câncer e se retirou para as montanhas. Diz que, diante de sua janela, havia uma árvore de cedro e pensou: “gostaria de ser tão forte como você”. Neste momento, descobriu princípios universais que se aplicavam também aos seres humanos: “As árvores jamais ficam em desarmonia com a natureza – portanto, poderíamos aprender com elas a viver em harmonia” (Sacinandana, 2015, p. 7).

Neste momento, Sacinandana vislumbrou que todos(as) precisam de bem-estar físico, emocional, social e espiritual para seguirem uma vida progressiva. Para ele, há três áreas na árvore que contribuem individualmente para o bem-estar: “as raízes, o tronco e a copa”. Diz ainda que as raízes representam o bem-estar espiritual, que é uma nutrição espiritual individual; o tronco o bem-estar emocional e físico, que vem por meio de um estilo de vida favorável; e a copa o bem-estar social, que representa a nossa contribuição pessoal para o bem-estar de outras entidades vivas (Sacinandana, 2015, p. 7).

Finalizando seus escritos, Sacinandana fala sobre o segredo da sequoia canadense, a maior árvore do mundo, que cresce por um período de milhares de anos. Segundo ele, ao entrar em uma floresta de sequoias, a pessoa é rodeada por uma atmosfera ancestral e muito tranquila.

As sequoias são as árvores mais altas do mundo e possuem raízes bastante rasas. Sim, embora elas permaneçam de pé por milhares de anos enfrentando furacões, tempestades [...]. Qual o segredo delas? Suas raízes crescem para fora, elas crescem para os lados e depois enrolam ao redor das raízes das árvores vizinhas, como mãos segurando outras mãos. Isso dá a elas uma força muito maior para que cresçam por milhares de anos [...]. Esta interconexão também é o segredo da comunidade de cuidados – todas as forças são compartilhadas [...] (Sacinandana, 2015, p. 53).

Após essas reflexões, é possível perceber que a questão do “cuidar” no movimento Hare Krishna tem uma perspectiva integral (raízes, tronco e copa). Neste sentido, cuida-se individualmente, por meio de práticas espirituais, cuida-se do corpo através de exercícios, etc. e cuida-se do outro, por meio da ideia da compaixão e do servir.

Mulheres no vaishnavismo

Rosen salienta que a divina energia feminina do universo implica na divina fonte de energia e que a divindade feminina sempre se manifesta tendo sua parte masculina.

Esse e outros aspectos demonstram que, apesar de conter traços que possam caracterizar a tradição Vaishnava, a priori, como patriarcal, quando se aprofunda no estudo percebe-se outra visão. Para o autor:

Aqueles que estudam profundamente a tradição Vaishnava, examinando na literatura tântrica os aspectos místicos do começo do pensamento vaishnava, encontram completamente outra dinâmica de trabalho. O Vaishnavismo, para estudantes sérios se transforma em um tipo de shaktismo em uma perspectiva do *purna sakti*, sendo a mais completa forma de uma energia feminina divina adorada como o proeminente aspecto da divindade, eclipsando até mesmo o Deus masculino em certos aspectos. Por exemplo, no Sri Vaishnavismo, Laksmi é considerada a divina mediadora, que, sem ela, não é possível o acesso a Narayana; e na tradição Gaudya, Radha é vista como a Deusa suprema e, para isso, é dito que ela controla Krishna com o seu amor (Rosen, 1999, p.2).

No Mahabharata, clássico livro milenar da cultura do *yoga* – no qual a Bhagavad-gītā é um dos capítulos – na parte chamada de Shanti Parva do quadragésimo sexto capítulo intitulado Anushasana Parva, uma pessoa – considerada sábia dentro da tradição – chamada Sri Bhismadeva, salienta sobre as mulheres:

Mulheres, ó Rei, devem ser sempre adoradas e tratadas com amor. Onde as mulheres são tratadas com honra, os deuses, são acalmados. Onde as mulheres não são respeitadas, todas as ações se tornam infrutíferas. Se as mulheres de uma família são maltratadas e, desse modo, entregam-se à tristeza e lágrimas, essa família logo se torna extinta [...]. A virtude dos homens depende delas [...]. Sirva-as e adore-as, curvando sua vontade diante delas. A geração e educação das crianças e a realização de todas as ações necessárias para as necessidades da sociedade – tudo isto depende das mulheres. Respeitando as mulheres você está certo de conseguir a realização de todos os esforços. As mulheres são as deidades da prosperidade [...]. Estimando as mulheres, a deusa (da Fortuna) Lakshmi é amada (Meier, 2004, p.108).

Na Bhagavad-gītā, o próprio Krishna, que representa a divindade suprema em seu aspecto masculino, descreve as mulheres da seguinte maneira: “Entre as mulheres sou a fama, a fortuna, a linguagem afável, a memória, a inteligência, a firmeza e a paciência” (Prabhupāda, 2006, p.519). Prabhupāda (2006) acrescenta, dentro da explicação deste verso da Bhagavad-gītā que: “As sete opulências enumeradas – fama, fortuna, linguagem afável, memória, inteligência, firmeza e paciência – são consideradas femininas. Se alguém possui todas elas ou algumas delas, torna-se glorioso” (Prabhupāda, 2006, p.519).

Na história de mulheres que foram referência dentro da linha Vaishnava, tendo como prática o *bhakti yoga*, há uma mulher do século XVI chamada Mirabai, que teve sua vida relatada em importantes textos da tradição Vaishnava, como o texto chamado Bhaktamals. Apesar disso, por causa de sua imaculada devoção e pelo fato de ser mulher, Mirabai sofreu diversas discriminações e, por várias vezes, tentaram matá-la. Todavia, pela fé de Mirabai, “as cobras que eram soltas para atacá-la se transformavam em colares de diamante” (Martin, 1999, p. 10).

Embora Mirabai tenha, em sua vida, se destacado em suas ações enquanto uma mulher que quebrou paradigmas, que não aceitou dogmas e deu um exemplo de devoção a Krishna de maneira livre e espontânea, Martin ressalta que, em muitas outras histórias na hagiografia de tradições, ela é colocada aos fundos, por autores sectários. Mirabai sofreu rejeições: “Explícita rejeição de Mira também é expressa não uma vez,

mas três vezes no Caurasi Vaishnava ki Varta, da Vallabha Sampradaya. A razão é clara, Mira não aceitou Vallabhacarya como o seu Guru e como uma encarnação de Krishna [...]”. Por essas tentativas de invisibilização de Mirabai, a autora a cita como sendo: “o perfeito exemplo de absoluta devoção em face de aparentemente intransponível oposição” (Martin, 1999, p.12).

Essa oposição, aparentemente intransponível, se refere à sociedade hinduísta sustentada por castas onde as mulheres são subalternas e essa submissão é defendida pela alta casta dos brâmanes (sacerdotes), aonde todos são homens. Há, na cultura patriarcal hinduísta, uma visão misógina. Todavia, sempre aonde há opressão, há resistência.

A opressão de gênero acontece a nível mundial. No que se refere à Índia, em diferentes locais isso acontece com distintas intensidades. Ao estudar santas mulheres na tradição da *bhakti yoga* Gaudiya Vaishnava, Brzezinski diz que a mulher na Bengala desfrutou de um status comparativamente maior do que em outras partes da Índia. Assim, a autora destaca que: “esse fato é tanto refletido como apoiado pela existência dos cultos de divindades femininas”. Apesar disso, a autora diz que as mulheres dentro desta tradição, mesmo recebendo maior status e respeito, raramente exerceram papéis de liderança (Brzezinski, 1999, p. 60).

Concordamos com Brzezinski (1999), já que a Índia é um país com grande diversidade cultural. No que se refere ao Vaishnavismo Gaudiya, de fato há, nesta tradição, maior status da mulher, até porque o Vaishnavismo tem como característica certas quebras de paradigmas, como a luta contra o sistema de castas. Apesar disso, podemos perceber que, na história da tradição, o número de homens em posições de liderança é maior que o de mulheres.

Segundo Rosen (1999), apesar da sociedade Hindu ser geralmente considerada patriarcal, existem tradições anciãs de adoração a uma Deusa que são vangloriadas. A autora cita também o exemplo de divindades como Usas, Vac, Ratri, Aditi, Sarasvati, Prthivi dentre outras que têm deixado suas marcas dentro da tradição. Acrescenta ainda que, com o desenvolvimento do hinduísmo essas e outras deusas se tornaram cada vez mais populares, culminando na adoração de uma Deusa genérica conhecida como Mahadevi: “Ela é a divina Shakti, energia feminina, do universo” (Rosen, 1999, p. 1).

Essas tradições anciãs representam uma resistência à opressão machista.

No Gaudya Vaishnavismo há uma interessante quebra de paradigma dentro de uma visão patriarcal já que o aspecto feminino, em significativos casos, é mais querido e adorado do que o aspecto masculino. As divindades dentro dessa tradição apresentam-se da seguinte maneira: Sita-Rama, Radha-Krishna e Lakshmi-Narayana, trazendo, primeiramente, o aspecto feminino (Sita, Radha, Lakshmi) e, depois, o aspecto masculino (Rama, Krishna e Narayana).

Outro exemplo de mulher dentro da tradição Vaishnava é a de Saci (lê-se “Shatchi”) que depois recebeu uma iniciação na tradição e passou a se chamar Gamgamata Goswamini:

Saci Devi viveu entre os séculos XVII e XVIII e era filha única de Naresha Narayanam, raja (rei) de Puntiya, distrito de Rajashahi, que fica hoje na região de Bangladesh. Desde a infância teve acesso a uma educação de muita qualidade e devido à excepcional inteligência tornou-se perita em gramática e poesia. Ela foi, aparentemente, a primeira

mulher no vaishnavismo de Caitanya a construir uma reputação como devota devido apenas ao seu conhecimento e conquistas espirituais – e não por parentesco, como suas predecessoras – e a fundar sua própria linhagem espiritual.

A história de Saci recebendo o nome de Gangamata Goswamini tem relação com o rio Ganges. Há, na Índia, um dia chamado de “Varuni Ganga”, no qual milhares de pessoas vão banhar-se no rio Ganges em busca de purificação. Neste dia, Saci Devi também desejou banhar-se no Ganges, porém, não pode ir. Segundo a tradição Vaishnava, a própria personalidade da divindade, denominada de “Jagannatha” apareceu para ela em um sonho dizendo-lhe para ir, no meio da noite, se banhar num tanque de banho situado na cidade de Puri. Logo que entrou na água ela teve visão da própria Ganga Devi⁸. Em seguida, uma enxurrada surgiu levando-a para dentro de um templo chamado Jagannatha Puri, aonde ela era sacerdotisa. Dentro do templo ela continuou vendo o Ganges, bem como as pessoas banhando-se com alegria em suas águas.

Conta a história da tradição que o barulho que Saci ouvia das pessoas banhando-se no Ganges também foi ouvido pelos guardas do templo, que foram avisar o rei de Orissa, chamado Mukunda Dev. Assim, o rei ordenou que os guardas abrissem as portas do templo, porém, ao fazerem, encontraram Saci Devi sozinha. Sem entender como aquilo era possível, os outros sacerdotes do templo chegaram a conclusão que Saci era uma ladra que estava interessada em roubar os objetos de valor do templo e, assim, os guardas levaram-na presa.

Naquela mesma noite, o rei de Orissa teve um sonho em que a própria personalidade de Deus – Jagannatha⁹ – lhe falou sobre as glórias de Saci, ordenando que ele a libertasse imediatamente da prisão e, juntamente com os sacerdotes, lhe pedisse perdão e a aceitasse enquanto sua mestra (guru). Saci se tornou mestra do rei e dos sacerdotes do templo e, a partir de então, passou a ser conhecida como Gangamata Goswamini. Há um local na cidade de Puri, uma casa, que é conhecida como “Ganga Mata Math” e é um dos locais mais representativos do Vaishnavismo na cidade.

Apesar dos grandes feitos dessas mulheres, assim como das referências nas escrituras milenares reconhecendo toda importância da mulher, como vimos em partes da Bhagavad-gita e no Mahabharata, é importante destacar que, assim como a Mirabai, a história de Gangamata Goswamini é pouco divulgada na tradição Vaishnava e pouco conhecida no movimento Hare Krishna.

As mulheres na ISKON

Apesar das histórias das mulheres que fazem parte da tradição Gaudya Vaishnava serem pouco divulgadas no movimento Hare Krishna em relação às histórias dos homens nessa tradição, o que mostra certo silenciamento das memórias dessas personalidades, percebemos, por meio de textos e documentos da ISKCON, que o movimento Hare

8 Segundo a tradição Vaishnava, o rio Ganges é uma personalidade feminina chama Ganga Devi.

9 No hinduísmo, Jagannatha, que significa “senhor do universo”, é um dos nomes de Deus.

Krishna representa uma quebra de paradigmas em relação ao patriarcado típico da sociedade bramânica hinduísta, dividida em castas. Prabhupāda, ao chegar nos EUA e fundar a ISKCON, incluiu as mulheres em todos os processos ritualísticos que, até então, eram permitidos apenas para homens; Prabhupāda foi fortemente criticado pelos brâmanas de casta por ter incluído mulheres ocidentais em todos os processos da prática do *bhakti yoga*. Apesar disso, como veremos neste tópico, documentos mostram que, após o falecimento de Prabhupāda, muitas coisas mudaram na ISKCON e muitas mulheres passaram por diferentes tipos de silenciamentos até conseguirem se organizar e conquistar importantes direitos.

Prabhupāda faleceu em 1977 e nos dez anos seguintes as mulheres sofreram muitas proibições, tais como: não poderem cantar japa¹⁰ no templo junto com homens, não poderem dar aulas, etc. Foi em 1987 que, na tentativa de reverter essas situações e retomar os padrões estabelecidos por Prabhupāda, várias integrantes do movimento Hare Krishna iniciaram um diálogo sobre a posição das mulheres na ISKCON. Em 1994 foi criado, na ISKCON, o “Conselho das Mulheres” (*Women Council*) e, em 1996, o “Ministério das Mulheres” (*Women Ministry*) que, depois, tornou-se o “Ministério Vaishnavi” (*Vaishnavi Ministry*).

Esse movimento das mulheres demonstra como elas lutaram e ainda lutam para afrontar a posição misógina que se instalou na instituição após o falecimento de Prabhupāda. Obviamente, essa posição machista não é exclusiva da ISKCON, ela é mundial. O machismo é algo estrutural, é uma construção social que está entranhada em toda a sociedade e, dessa forma, inclusive, na ISKCON.

Por outro lado, percebemos uma luta contra o machismo e suas formas opressivas. Essa luta surge das mulheres e seus saberes, suas epistemologias, suas angústias, seus desejos de construir um mundo com igualdade de gênero. O pensamento feminista – em suas diferentes vertentes, ondas, perspectivas – representa essa luta mundial das mulheres. Na ISKCON, é o movimento de mulheres que inicia uma mudança de perspectiva e de visão dessa instituição; luta por mudanças que se inicia em 1987 e obtém importantes conquistas até os dias atuais.

É importante dizer, neste texto, que Prabhupāda afrontou a posição misógina do patriarcado dos brâmanas de castas da Índia. Como salientamos, ele foi criticado em seu país, várias vezes, por causa das mudanças que estava introduzindo na tradição do Gaudya Vaishnavismo, mormente sua posição a respeito das mulheres, às quais ele deu o mesmo direito em relação aos homens. Segundo Prabhupāda “Às vezes, as pessoas invejosas criticam o movimento para a Consciência de Krishna, porque aceita igualmente tanto garotas como rapazes na distribuição de amor por Deus” (Prabhupāda, 2017, p. 538).

Segundo Jyotirmayi¹¹, Prabhupāda aceitou as mulheres nos templos e as deu o status de *brahmacarinis* (monjas), estabelecendo os mesmos direitos e deveres dos *brahmacaris* (monges) que vivem com o mestre (*guru*). A mesma coisa se aplica quando ele

10 O canto da japa é uma das principais formas de meditação do movimento Hare Krishna e consiste no canto de mantras em um colar com 108 contas.

11 Jyotirmayi é uma discípula de Prabhupāda.

deu às mulheres a iniciação bramânica¹². Assim, mulheres tinham os mesmos deveres e as mesmas possibilidades de progredir espiritualmente e recebiam o mesmo respeito:

Naquela época, tudo era feito de acordo com as habilidades e avanço espiritual de uma pessoa e não de acordo com o seu sexo. Prabhupāda não fazia nenhuma distinção [...]. As mulheres, assim como os homens, acompanhavam Prabhupāda quando ele viajava e o secretariavam, assim como fazia Arundhati, ou o serviam pessoalmente como Janaki. As mulheres lideravam *kirtanas*¹³: Jamuna, Kausalya, Lilavati estavam entre as melhores. Elas davam aulas e palestras públicas. A mais renomada era Jadurani, que era dotada de grande erudição. As mulheres eram encarregadas de cuidar das deidades e faziam *aratis*¹⁴ públicos. Jamuna, shilavati, Rukmini e Mandakini eram as mais famosas [...]. As mulheres escreviam artigos para as revistas. Prabhupāda pessoalmente pedia a Bibhavati, que havia sido jornalista anteriormente, para escrever.

Após o falecimento de Prabhupāda, segundo Jyotirmayi, muitas coisas mudaram. As mulheres foram proibidas de fazer muitas coisas. “As mulheres foram proibidas de prestar *dandavatis*¹⁵ [...]. Então, elas foram proibidas de circungirar tulasi¹⁶ junto com os devotos, não podiam cantar japa na sala do templo, tinham que ficar atrás dos homens durante os *kirtanas*, aulas [...], foram destituídas de suas atividades importantes [...]”.

Esses relatos de Jyotirmayi sobre as mulheres na época de Prabhupāda e após seu falecimento representam suas memórias dessa época e são confirmados pelo site oficial do Ministério Vaishnavi da ISKCON. O site do Ministério Vaishnavi diz que existem homens que se opõem a permitir que mulheres tenham acesso total à prática do *bhakti yoga*.

Diante do que foi dito percebemos, então, que durante certo período da história da ISKCON houve uma deturpação, tanto no que se refere às instruções de Prabhupāda, quanto aos próprios ensinamentos presentes na tradição Vaishnava, aonde o foco é o “cuidar”, como já refletimos neste texto. Como podemos perceber nos sites relacionados às mulheres da ISKCON, essas deturpações ainda existem, todavia, importantes conquistas já foram realizadas e a instituição vem apoiando a atuação das mulheres, mesmo contrariando certos setores mais conservadores dentro do movimento Hare Krishna.

Diante do exposto, percebemos que essas deturpações silenciaram muitas mulheres e as impediram de viver sua vida em *bhakti yoga* de maneira plena, gerando, inclusive, diferentes tipos de violências. É com a luta de diversas mulheres da ISKCON, espalhadas em coletivos por todo o mundo e organizadas em secretarias e o próprio ministério Vaishnavi, que essas deturpações começam a ser quebradas e começa-se a construir uma outra visão na ISKCON; de equanimidade e respeito, bem mais coerente com os princípios de “cuidar” do Gaudya Vaishnavismo e com os ensinamentos de Prabhupāda.

12 Na Índia, a iniciação bramânica, que é uma forma de gradação na vida espiritual do praticante de *bhakti yoga*, era oferecida apenas para homens.

13 Prática de meditação através do canto e da dança, na qual uma pessoa é responsável por conduzir as canções facilitando a meditação. Após o falecimento de Prabhupāda, segundo Jyotirmayi, em muitos templos e comunidades da ISKCON pelo mundo as mulheres foram proibidas de liderar essa prática meditativa (*kirtanas*).

14 Cerimônia ritualística sacerdotal relacionada à adoração às deidades.

15 Forma de reverência ao *guru*.

16 A circunambulação de tulasi (planta sagrada da Índia) é uma prática importante dentro da ritualística da *bhakti yoga*.

Como vimos, o movimento das mulheres de maneira organizada inicia-se dez anos após o falecimento de Prabhupāda, com as mulheres se organizando, protestando, lutando por seus direitos e pelo reconhecimento de seus saberes, suas qualidades e habilidades. O Ministério Vaishnavi estimulou a criação de secretarias da mulher em todo o mundo. No Brasil, essa secretaria foi estabelecida no ano de 2016:

inspirada por relatos feitos por devotas na internet no início de 2016 que, utilizando a hashtag #meuamigosecreto, denunciavam as situações de preconceito e machismo que haviam sofrido –e ainda sofriam– na ISKCON. Vendo tantos casos ainda acontecendo, e se identificando com diversos dos relatos, algumas devotas iniciaram uma discussão sobre a necessidade de se criar um órgão que pudesse ajudar a prevenir esses problemas e dar suporte a devotas em casos de denúncias de assédio, abusos e agressões. Esse grupo se mobilizou, debateu e acabou por apresentar ao CGB, o órgão administrativo máximo da ISKCON no Brasil, uma proposta (prontamente aceita e aprovada na Assembleia Geral do CGB ocorrida em maio de 2016) para a criação de uma Secretaria da Mulher – conforme instrui o próprio *Vaishnavi Ministry* (Ministério das Mulheres) do *Governing Body Commission* (GBC)¹⁷, o corpo governamental da ISKCON em nível internacional. A Secretaria da Mulher já iniciou suas atividades, e funciona com um sistema de Conselho Deliberativo [...]. Esse colegiado é composto de devotas de todo o Brasil, e integra também assessoras de diversas especialidades, como educação, direito, assistência social e psicologia.

Além da luta contra violências, abusos, desrespeitos, etc., podemos observar, por meio de uma pesquisa nos sites do Ministério Vaishnavi, e da Secretaria da Mulher da ISKCON no Brasil, que esses órgãos criaram um ambiente de troca de saberes, de ajuda coletiva entre as mulheres, de aulas, capacitações, treinamentos, encontros, formação de multiplicadoras, etc. No Brasil, por exemplo, há o projeto de aulas diárias da Bhagavad-gītā por mulheres da ISKCON. Muitas delas nunca haviam dado uma aula dessa escritura milenar. Há, também, um fundo de amparo da Secretaria da Mulher que se destina a ajudar mulheres do movimento Hare Krishna em emergência econômica ou que precisam ser removidas de um espaço por risco de sofrerem algum tipo de abuso ou violência. Esse fundo é constituído por meio de doações voluntárias, cursos promovidos pela Secretaria e mobilizações espontâneas. Assim, esses órgãos se tornaram espaços de sororidade, acolhimento, partilha de saberes e cuidado mútuo.

Destacamos, também, o amadurecimento da ISKCON e o reconhecimento de seus erros. Isso pode ser evidenciado por meio de um documento que foi um pedido de perdão da ISKCON Brasil a suas mulheres nos quarenta e três anos da instituição neste país:

O Conselho Governamental Brasileiro (CGB) da Sociedade Internacional da Consciência de Krishna (ISKCON), em sua primeira gestão com uma presidência feminina, com Labanga Devi Dasi, tem comunicado importante a fazer. Decidiu-se na Assembleia Geral Ordinária do CGB de 2018, no Dhama Sagrado Nova Gokula, que em todas as entidades da ISKCON no Brasil se comunique verbal e publicamente [...], que o CGB oferece reverências e humildemente pede perdão a todas as *vaishnavis* da ISKCON Brasil que, em algum momento do seu serviço devocional à missão de Sua Divina Graça A. C. Bhaktivedanta Swami Prabhupada, sentiram-se ou sentem-se ofendidas, por comportamentos misóginos de alguns membros da instituição. A misoginia, descrita nos

17 Órgão administrativo máximo da ISKCON em nível mundial. Para mais informações, consultar: <http://gbc.iskcon.org/>

dicionários da Língua Portuguesa como “ódio ou aversão a mulheres”, não é endossada pelas escrituras da Filosofia Vaishnava seguidas pelos membros da ISKCON [...]. A ISKCON mudou e continua mudando. [...] O CGB assume o compromisso de se esforçar ao máximo para evitar que tais comportamentos e situações se repitam [...].

Outra conquista importante foi em relação ao direito das mulheres também poderem ser mestras (*gurus*). Em 2006, o GBC aceitou filosoficamente que uma mulher também pode ser mestra e dar a “iniciação espiritual”¹⁸ a outro praticante. Faltava, então, a efetivação. Após esse reconhecimento, muitas reuniões e estudos foram feitos, um importante livro foi lançado em 2013 trazendo diversos documentos e cartas de Prabhupāda que demonstram que, de fato, as mulheres também podem ser mestras iniciadoras:

Meus queridos filhos e filhas [...], vocês terão que se tornar mestres(as) espirituais. Vocês, todos(as) os(as) meus discípulos(as), todos(as) devem se tornar mestres espirituais [...] eu espero que todos(as) vocês, homens, mulheres, meninos e meninas, se tornem mestres(as) espirituais (Palestra Prabhupāda Londres, 22 de agosto de 1973).

O’Connell: É possível, Swamiji, que uma mulher seja guru na linha de sucessão discipular?

Prabhupada: Sim. Jahnava devi era a esposa de Nityananda. Ela se tornou [...]. A qualificação do guru é que ele deve ter pleno conhecimento da ciência de Krishna. Então ele ou ela podem se tornar gurus. *Yei krsna-tattva-vetta, sei guru haya.* (Pausa). Em nosso mundo material, há alguma proibição para que a mulher não possa se tornar professora? Se ela é qualificada pode se tornar professora (Entrevista com os professores O’Connell, Motilal e Shivaram, Toronto, 18 de junho de 1976) (Kanteya, 2013, p. 27, tradução nossa).

Em 15 de outubro de 2019 foi aprovado, como lei do GBC, que as mulheres são elegíveis para dar iniciação espiritual (*diksa*) na ISKCON. Após isso, ainda não há uma mulher *diksa guru* na instituição, todavia, com essa conquista, isso é só questão de pouco tempo.

Considerações finais

Para iniciar as considerações finais, retomamos o intuito do texto que é o de refletir sobre a questão do “cuidar” dentro da tradição Gaudya Vaishnava assim como sobre a posição e os saberes tecidos pelas mulheres ao longo dos anos dentro desta tradição e a partir da criação da ISKCON.

Diante do que foi dito neste artigo, podemos asseverar que os saberes das mulheres no Gaudya Vaishnavismo, em geral, e no movimento Hare Krishna, em particular, representam uma manifestação de luta, de empoderamento, de união, de apoio mútuo, de emancipação e de uma profunda contribuição no amadurecimento da ISKCON em direção à uma instituição com igualdade de gênero. Os saberes das mulheres da

18 A “iniciação espiritual” é um momento muito importante dentro da tradição do Vaishnavismo e, por conseguinte, na ISKCON. É o momento no qual o(a) praticante se conecta com seu mestre e recebe um nome dentro da tradição. Até então, apenas homens podiam dar essa “iniciação espiritual” (*diksha guru*).

ISKCON e a abertura da instituição para reconhecer esses saberes, assim como reconhecer os erros do passado, é notória e ganha cada vez mais intensidade, apoio e empatia dos principais líderes a nível mundial, assim como da maioria dos integrantes, sejam homens ou mulheres. Por outro lado, é importante ressaltar que, na Índia, essas transformações ainda não surtiram tanto efeito já que as mulheres, ainda hoje, ocupam menos estima.

As reflexões que fizemos neste artigo apontam que as mulheres *vaishnavis* continuam a realizar diversas ações voltadas para a transformação das realidades em que vivem, por meio de feitos que revolucionaram e revolucionam contextos locais e globais. As histórias de Mirabai e Gangamatha Goswami; a criação do Conselho das Mulheres, Ministério das Mulheres e Secretarias das Mulheres na ISKCON representam memórias, transformações e conquistas importantes.

Cabe ressaltar, também, a importância de Prabhupāda na quebra de paradigmas machistas do hinduísmo. A possibilidade que Prabhupāda deu, desde o início, das mulheres serem instituídas como brâmanes (sacerdotisas) no movimento Hare Krishna já demonstra um importante rompimento com a misoginia que reina entre os *yoges* indianos de todos os tempos. Como vimos, Prabhupāda deu os mesmos direitos às mulheres e aos homens. O reconhecimento do GBC, no ano de 2019, permitindo que mulheres sejam *gurus* iniciadoras, é outro marco importante de quebra da misoginia presente no universo patriarcal do hinduísmo.

Podemos dizer que a luta das mulheres – tanto na história do Vaishnavismo, quanto na ISKCON – pelo reconhecimento e valorização de seus saberes e práticas, é uma luta pela emancipação, pela transformação da cultura do patriarcado em uma cultura da multiplicidade de saberes. Essas mulheres contribuíram e contribuem expressivamente para que a ISKCON seja um lugar de respeito, de uma espiritualidade que condiz com sua filosofia, que é o ato de “cuidar” como evidenciado na Bhagavad-gita, na cultura Vaishnava como um todo e nos escritos de líderes da instituição, como Radhanata e Sacinandana.

Diante do que foi dito, podemos dizer que essas mulheres da ISKCON e do Vaishnavismo não aceitam ocupar o espaço no *status quo* imposto pelo machismo estrutural que existe no mundo. Ao fazerem esse movimento, essas mulheres criam alternativas, e contribuem na criação de sociedades equivalentes.

Isso parece ir ao encontro do que Lagarde diz que, ao dar outro sentido à vida, por meio de experiências inéditas, as mulheres eliminam cativeiros e opressões, contribuindo para mudanças profundas na sociedade, nas mentalidades, na cultura, gerando positivities e interações para ocupação de diversos espaços (LAGARDE, 2003).

Isso ocorreu nas conquistas dessas mulheres na ISKCON, nas formações das secretarias, do ministério, dos encontros, das partilhas feitas e do cuidado recíproco.

Destacamos que a ISKCON é uma instituição recente, tendo completado 54 anos neste ano de 2020. Apesar de ser nova, comparada a outras instituições religiosas que são, inclusive, milenares, a ISKCON vem demonstrando maturidade e desenvolvimento humano. Ao trazer o tema do cuidado com o outro como o fundamento de relacionamento da instituição com seus membros e nos relacionamentos interpessoais, a ISKCON aproxima a teoria com a prática. Os pedidos de desculpas para as mulheres e o reconhecimento de seus saberes e direitos também demonstram que a instituição, a

partir da luta dessas mulheres, avança no combate ao machismo e às opressões advindas dele. O amadurecimento da ISKCON vem a partir de muito esforço e luta dessas mulheres, que fizeram e fazem uma profunda transformação na instituição em direção à igualdade de gênero, respeito e cuidado ao outro.

Referências

ADAMI, Vitor Hugo. Intransigências e concessões de um hinduísmo ocidentalizado: um estudo etnográfico sobre o movimento Hare Krishna”. PUC, RS, Dissertação, 2005.

ADAMI, Vitor Hugo. Modelos e Moldes de tradições: a hermenêutica do movimento Hare Krishna (ISKCON) sobre a tradição Gaudiya Vaishnava. *Sacrilegens*, Juiz de Fora, v. 9, n.2, p. 86-104, jul-dez/2012.

ADAMI, Vitor Hugo. O pensamento coletivo Hare Krishna e seus modos de institucionalização: um estudo sobre comunidades globalizadas e identidades locais. *Universitat Rovira i virgili*. Departamento de Antropología y Filosofía, Tese, 2013.

BRZEZINSKI Jan: *Women Saints in Gaudiya Vaishnavism* in ROSEN, J. Rosen. *Vaishnavi: Women and the Worship of Krishna*. Banaridas Publishers, Delhi, 1999.

CARVALHO, Leon Adan. O movimento Hare Krishna: algo novo ou uma antiga “tradição?”, *Diálogos*, v.23, n.1, 193-212, 2019.

ELIADE, Mircea: *Yoga: imortalidade e liberdade*. São Paulo, Palas – Athenas, 1996.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa*. São Paulo: paz e Terra, 2002.

FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GUERRIERO, Silas. *L'iskcon au brésil: la transformation occidentale d'une religion védique et l'incorporation de ses caractéristiques culturelles à la société locale*. *Social Compass* 47(2), 2000, 241-251, 2000.

GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GULMINI, Lilian Cristina *O yoga sutra, de patanjali: Tradução e análise da obra, à luz de seus fundamentos contextuais, intertextuais e linguísticos*. USP, Dissertação, 2002.

HERMOGENES, José. *Autoperfeição com hatha yoga*. Record, 7º ed. 1980.

HERMOGENES, José. *Saúde na terceira idade*. Nova era, 5º ed. 1983.

KANTEYA, Das. *Did Srila Prabhupada Want Women Diksha-gurus? Eye of the Storm*, The Bhaktivedanta Book Trust. 2013.

LAGARDE, Marcela. De la igualdad formal a la diversidad: una perspectiva étnica latinoamericana In. *Anales de la Cátedra Francisco Suárez*, 37, Pp. 57-79. 2003.

LARA, M. A. Karma-yoga como ação moral ideal na Bhagavad-gita à luz da criteriologia künigiana. *HORIZONTE* – v. 14, n. 42, p. 657-659, 30 jun. 2016.

MARTIN, Nancy. Mirabai: Inscribed in text, embodied in life in ROSEN, J. Rosen. *Vaishnavi: Women and the Worship of Krishna*. Banaridass Publishers, Delhi, 1999.

MEIER, Eleonora. *O mahabharata: livro 12 – Shanti Parva*, 2004.

MONIER, W. *A Sanskrit-English dictionary: Etymologically and philologically arranged with special reference to cognate indo-european languages*. Oxford, Clarendon Press, (1899).

PRABHUPĀDA, A.C. Bhaktivedanta Swami. *Srila Prabhupāda Lilamrta*. The Bhaktivedanta Book Trust. 1983.

PRABHUPĀDA, A.C. Bhaktivedanta Swami. *Srimad Bhagavatam: primeiro canto*. São Paulo: The Bhaktivedanta Book Trust, 1995.

PRABHUPĀDA, A.C. Bhaktivedanta Swami. *Bhagavad-gītā Como ele é*. The Bhaktivedanta Book Trust. 2006.

PRABHUPĀDA, A.C. Bhaktivedanta Swami. *O caminho da perfeição – yoga para a era moderna*. 2ª ed. The Bhaktivedanta Book Trust, 2012.

PRABHUPĀDA, A.C. *Sri Caitanya Caritamrta – Antya Lila*. Ed. Em espanhol. The Bhaktivedanta Book Trust. 2017.

ROSEN, J. Rosen. *Vaishnavi: Women and the Worship of Krishna*. Published by: Banaridass Publishers Privated Limited, Bungalow, Delhi, 1999.

RADHANATH, S. *Passos Simples para um Templo Simples*. Avatar Studios, 2004.

SACINANDANA, S. *A Árvore da Vida no Aconselhamento Espiritual*. 2015.

VALERA, Lúcio. *A mística devocional (bhakti) como experiência estética (Rasa): um estudo do Bhakti Rasamrita Sindhu de Rupa Goswami*. Tese, UFJF, 2012.

ZIMMER, Heinrich. *Filosofias da Índia*. São Paulo: Editora Palas Athena, 1986.

Recebido: 18 de fevereiro de 2019.

Aprovado: 24 de agosto de 2020.